



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

HISTÓRIA DA «CÁ-CÁ-RÁ-CÁ» DO «CÓ-CÓ-RÓ-CÓ» E DO «QUI-QUI-RI-QUI»

ERA uma vez, certo dia,
uma galinha de raça,
chamada «Cá-cá-rá-cá».
Tinha tal sobrançeria,
tanto encanto, tanta graça,
que, certamente, não há
em todo o reino das aves,
galináceas, claro está,
galinha como era aquela!
Tinha penas tão suaves
que até dava gosto ver;
numa palavra: — era bela!
Um dia, certo galito
chamado «Qui-qui-ri-qui»,
que, à-pesar-de pequerrucho,

era não menos bonito,
apaixonou-se por ela.

Ora a galinha de luxo,
nunca se encontrava só,
perseguida, a toda a hora,
pelo «Dom Qui-qui-ri-qui»
e por «Dom Có-có-ró-có»,
galo saloio que, embora,
fôsse muito avantajado,
e de voz altissonante,
não tinha nada de feio,
vermelho, azul e doirado,
à luz do sol: — faiscante.



Porém, não havia meio
de convencer a galinha
a decidir-se por um.
Dir-se-ia
que ela não qu'ria
— (que arisquinha!) —
nem um nem outro; nenhum!

Todavia,
certo dia,
ela propôs um torneio,
dizendo com ufania:

— «Visto ambos me pretenderem,
«hão-de primeiro mostrar
«o valor de cada qual
«e provar quanto me querem.



(Continua na pag. 3)

O PEQUENO HEROI

POR J. F. S. — DESENHOS DE CASTANÉ

NO começo do ano de 1373, el-rei D. Fernando, de Portugal, fixara residência em Santarém, acompanhado da rainha D. Leonor Teles e de alguns poucos, fidalgos. Estava, assim, mais a coberto do ataque dos castelhanos com os quais o nosso País se encontrava em guerra.

El-rei e a rainha jantam, na vasta sala do palácio.

— «Como tardam as notícias!» — exclama o soberano, quedando-se pensativo e abandonando o garfo com que trinchava uma bela peça de carne.

— «Não merece o caso que vos enfadéis tanto, senhor — (replicou a rainha). — O resultado será, decerto, o mesmo de sempre... Os inculcas nada terão visto e por muito feliz nos daremos se não tiverem ficado pelo caminho ou na algibeira de qualquer soldado inimigo...»

Foi com uma gargalhada que a rainha terminou este vaticínio.

El-rei sorriu também, mais para ser agradável a sua mulher do que por vontade. Depois, respondeu, em tom firme:

— «Tenho fé...»

— «A fé é que nos salva!» — replicou D. Leonor Teles, sorrindo ainda.

Subitamente, o reposteiro da entrada foi afastado. Um escudeiro veiu até junto do soberano, e, curvando-se, anunciou:

— «Acabam de chegar os inculcas que vossa magestade enviou a saber, o que vai pelos arrais castelhanos...»

Suspendendo a refeição, D. Fernando atalhou, entre ansioso e alegre:

— «Que entrem para aqui, e sem detença...»

Retirou-se o escudeiro, voltando, pouco tempo depois, acompanhado de dois rapazinhos.

Eram irmãos. O mais velho chamava-se Diogo, o mais novo, de 13 anos, chamava-se Nuno.

Com um aprumo e altivez que contrastavam com o seu aspecto juvenil e simpático, Nuno adiantou-se e esperou o interrogatório.

— «Que novas me trazeis das hostes inimigas?» — perguntou o rei.

— «Parece-me, real senhor, haver por lá muita gente mal orientada, e que pouca gente, com um bom capitão e bem conduzida, os poderá desbaratar.»

— «Bem respondido, jovem fidalgo.» — acudiu, sorridente, a rainha.

Levantando-se, pôs a sua mão, muito branca e fina, sobre o ombro do mancebo, olhando-o bem de frente. Depois, voltando-se para D. Fernando, suplicou:

— «Ouso pedir-vos mais uma mercê. Não ma recusareis, decerto.»

— «Que não farei eu por vós, Senhora minha?!...»

— «Vou expôr-vos a pretensão: este mancebo agrada-me sobremaneira e gostaria de o conservar como meu escudeiro.»

— «Concedido, Senhora. Pela minha parte, tomarei o irmão a meu serviço. Merecem as recompensas por que nos prestaram um bom auxílio.»

— «E posso armar desde já cavaleiro o meu protegido?»

— «Podéis, se assim o desejardes.»



A soberana deu, imediatamente, as suas ordens, e o mancebo foi armado cavaleiro, com as formalidades habituais nesse acto.

Procuraram-se armas para o jovem escudeiro. Nenhuma serviam áquelle corpo franzino, até que alguém se lembrou das que pertenciam ao Mestre de Aviz, a grande e nobre figura da História de Portugal. Foi a própria rainha quem lhas cingiu.

— «Que grande dia para mim!» — dizia D. Nuno, ao terminar a cerimonia, caindo nos braços de seu pai D. Alvaro Gonçalves Pereira, prior do hospital. Depois, proseguiu pleno de satisfação:

— «Há quanto tempo espero este momento!» — (volveu os olhos para o céu e exclamou):

«Esta espada fica, desde hoje, ao serviço da justiça, da Pátria e do meu Rei.»

Ficou residindo no paço, e esta circunstancia deu-lhe azo a conhecer as



obras dos antepassados, os livros de cavalaria e os versos dos melhores trovadores.

Fugindo dos prazeres maisões, D. Nuno completou, pelo seu próprio esforço, a sua instrução, sendo tomado como exemplo naquela corte que não primava por discreta. Mas o ardor patriótico do jovem cavaleiro não se coadunava com a solidão e ociosidade a que ali era obrigado. Todo o seu anelo era combater pela terra em que nascera.

A Corte regressára a Lisboa, e Nuno acompanhou a rainha que cada vez admirava mais o seu escudeiro, confiando-lhe as missões mais difíceis e enchendo-o de elogios e mercês.

Seu irmão mais velho (D. Pedro Alvares) fôra nomeado fronteiro da cidade. Para os aposentos dêle viu Nuno, certo dia, entrar um emissário que pouco antes chegára, esbaforido, com o cavalo a grande trote.

Calculando que o moço traria novas da batalha com os espanhóis, apressou-se a colher informes junto do irmão, que, com grande desgosto seu, o não animou a combater nas hostes lusitanas.



— «Mas a batalha vai travar-se, senhor meu irmão?» — perguntou Nuno, apertando, convulso, o punho da espada. Sem dar tempo a que lhe fôsse dada resposta, prosseguiu:

«combater também?»

— «Aquietais-vos, irmão. Pois não «E nós vamos para junto, de el-rei

(Continua na pag. 7)

Historia da «Cá-ca-rá-cá», do «Có-có-ró-có» e do «Qui-qui-ri-qui»

(Continuação da 1.ª pag.)

«Vou, portanto, iniciar
«um concurso original:
«O que primeiro, fizer
«nascer o Sol com seu canto,
«virá pedir a mão minha
«e ter-me-há por mulher,
«embora eu seja, entretanto,
«apenas uma galinha!»

Então,
com desdém, sorrindo,
«Có-có-ró-có» toleirão,
tal ouvindo,
diz a rir: — «ih, ih, ih, ih...
«com certeza que sou eu,

«pobre «Dom Qui-qui-ri-qui»,
«Pois não há canto mais lindo
«do que o meu!»
Saltando para o poleiro,
ao primeiro alvôr da Aurora,
antecipado portanto,
brada cantando: — «Eu primeiro,
«(cada qual seu quarto d' hora)
«pois é mais forte o meu canto!»

— «Ora essa! Faz favor...
(volve o «Dom Qui-qui-ri-qui»
que era, talvez, mais esperto;
e ao ver a pálida Aurora,
pensa, de si para si,
deduzindo com acerto:)

«No primeiro quarto d' hora,
«há, sómente, o rosicler
«e só após, ao segundo,
«é que o Sol estará fóra,
«princiando a nascer,
«dando seus raios ao mundo.»

Já rouco, o galo taludo,
vê chegada a ocasião
de ceder o alto poleiro
ao seu rival, tão miúdo
que até lhe parece anão
mas que sóbe, prazenteiro,
precisamente, no instante
em que a linha do horizonte
se principia a doirar.
E ei-lo a cantar, triunfante
emquanto por trás dum monte
o Sol começa a raiar!

Cumprindo a sua promessa,
como é justo, claro está,
pouco depois, logo ali,
casou-se com a travessa
da «Dona Cá-cá-rá-cá»,
nosso «Dom Qui-qui-ri-qui»
pois o torneio ganhou.
Ficando assim a cbuchar
na pontinha do seu dedo,
nosso «Dom Có-có-ró-có».

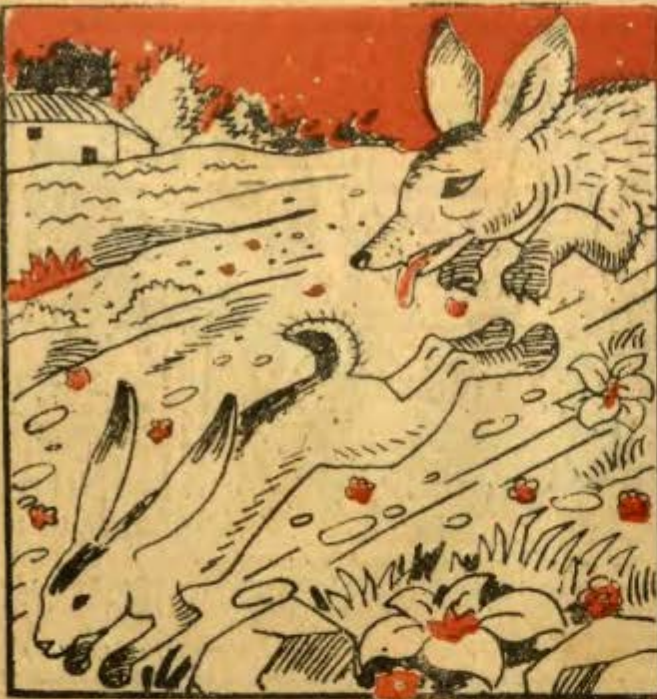
Nem por muito madrugar
é que amanhece mais cedo!



A RAPOSA

HISTORIA em PR

AUGUSTO DE
Desenhos de



COMADRINHA Ardilosa era certa raposa já bastante idosa, que, com grande arrelia, andava, certo dia, ao pé dum casebre, à coca duma lebre que, em sua toca, com seus filhos vivia. Ora, esta, já várias vezes, lesta, passava por ela, desafiando a sua imensa gula mas rindo-se ao vê-la fular, confiada na sua agilidade, pois a lebre tinha ainda mocidade e a raposa era já velha e relha.

— «Anda lá, anda, que um dia...» resmungava, a raposa furiosa, mal a via, passando rente ao seu dente. Mas ficava na ameaça pois era baldada a caça porque a lebre, na febre do seu vigor, corria que era um primor e dir-se-ia um corredor de grande categoria.

— «Hei de caçar-te com arte, á falta de ligeireza,

já que a minha natureza não me deixa correr muito. Ela, então, com tal intuito, foi a uma horta roubar uma couve repolhuda que tinha um talo de estalo que era mesmo um regalo, coisa muito apreciada pelas lebres e coelhos, quer sejam novos ou velhos.

Trazendo a couve na boca, foi pô-la perto da toca da lebre, que cobiçava há talvez já mais dum mês, e perto dum esconderijo que junto da toca havia e onde ela se esconderia para, na altura devida, apanhar essa atrevida que dela pouco fazia.

Já atrás do esconderijo, com seu focinhito rijo,



MAIS UM DITO



O pequenino Zéito, muito esperto e endiabrado, a-petiar de pequenito, tem, por vezes, cada dito que deixa tudo espantado.

Ora, pois, como assim seja perspicaz e inteligente, sua graça tudo alveja. Não há nada que não veja, que não oiça e não comente.

Muitas vezes chega ao ponto de indiscreto se tornar, como no caso que aponto neste pequenino conto que, em verso, lhes vou narrar.

Certo dia, os seus papás receberam a visita da senhora Dona Nita e seu marido Tomaz.

Ora este amigo é muito magro em contradicção pois era gordo.

A e a LEBRE

ROSA RIMADA por

SANTA-RITA
A. CASTAÑE

farejando, sempre à coca, Dona Ardilosa raposa não se mexe, não se move nem tira os olhos da toca, à espera que a lebre salte e prove o talo da couve.

Passado minuto e meio, salta a lebre do covil, olha em volta com receio da raposa e seu ardil, pois de tudo era capaz. Então, cuidando-se em paz, não a vendo e lobrigando couve tão apetitosa, dá saltinhos de contente, sem já pensar na raposa, avança confiadamente e mete o dente, gulosa, àquele belo manjar.

Mas, nisto, subitamente, saindo do seu lugar, donde estava espionando, a raposa, radiante, corre sobre a



pobre lebre, cega de todo, nem dando por um certo caçador que, lá de trás do casebre, já com a sua arma em guarda, vinha de longe apontando o cano duma espingarda à pobre lebre e que, a vê-la, mudando o rumo da bala, achou melhor alvejá-la, porque em suma, uma raposa vale bem mais que uma lebre.

Entretanto um tiro se ouve, foge a lebre para a toca, levando, ainda na boca, um bom pedaço da couve, e, de pernas para o ar, a raposa, a estrebuchar, as más horas reconhece que muitas vezes a manha, tal como agora acontece, o próprio manhoso alanha.

■ F I M ■



DO ZÉZITO

go dos pais,
agrizela,
ão com ela,
a de mais.

Apresentando-a o seu porte
provocava hilaridade:
—«A minha cara metade,
minha extremosa consorte!»

Desatando à gargalhana,
ouvindo tal, o Zézito
safu-se com este dito
que teve imensa piada:

—«O' mamã, diga-me cá,
como pode, na verdade,
ser Dona Nita a metade
dêste amigo do papá,
com tanta desigualdade?»

Eu, com franqueza, acho forte
acho mesmo atrevimento,
que este senhor não se importe
de lhe dar tal tratamento
e ainda, por cima, econ...
sortes!

Hieroglifica



C   - mo
+ sobr

grandes e miudos: 

 amigo Tio  lo lembra
aos  tardatarios que
- n + s teem 3 dias para
con  em ao nosso 1º gran
D conc  men 

 a' 

Concursos mensais de Poesias e Contos

Acusamos a recepção das produções dos novos concorrentes: Jorge de Sintra, Mimi Grandela, Francisco M. Ventura J.^o, Francisco M. Gonçalves, Fernando Fonseca Oliveira, Maria Ester, Alfredo dos Santos Henriques, Marilena G. Adriano da Conceição Dias dos Reis, Adriano J. Vaz Velho J.^o, Acacio da Silva, Herminia M. G. Bernardo, Adelina G. Bernardo, Ernesta Laura P. de C. Sotto Maior, Aida Vilela Moraes Pinho, Dona Perliquitetes, Harold, Antonio Pinto Amaral, Americo Borgues Martins, José do Carmo Barros, Odette de Saint Maurice, Armando do Nascimento Paulouro, Eunice da Costa Machado, Maria Tereza de Oliveira, Maria da Luz Ribeiro da Fonseca, Allen Gualter Cid Correia, José Alves de Sousa Glória, Antonio Enes Ramos, Maria Fernanda N. Tomaz, Maria Clara de Melo, Lúcia de Aguiar, Zeca Nêdo, Augusto Gonçalves Costa, Tiago Correia C. Sequeira, Maria Helena Fernandes Mauhin e Margarita.

CONCURSOS MENSIS DE POESIAS E CONTOS INFANTIS PARA OS MENINOS COLORIREM

LISTA DOS PRÊMIOS

1.º CONCURSO

Uma poesia infantil

Ao primeiro classificado da

SÉRIE A

UM LINDO BRINQUEDO

e
UM BELO LIVRO DE HISTORIAS
lindamente ilustrado

Ao primeiro classificado da

SÉRIE B

UMA DELICIOSA CALXA DE
BOMBONS

e
UM EXEMPLAR DO LIVRO:—
CEU ABERTO

de D. Virginia de Castro e Almeida
lindamente ilustrado

Ao primeiro classificado da

SÉRIE C

UMA COLEÇÃO DE PERFUMES
da célebre marca Nally

e
UM EXEMPLAR DO LIVRO:—
EM PLENO AZUL

de D. Virginia de Castro e Almeida
lindamente ilustrado

2.º CONCURSO

Um conto infantil

Ao primeiro classificado da

SÉRIE A

UM LINDO BRINQUEDO

e
UM BELO LIVRO DE HISTORIAS
lindamente ilustrado

Ao primeiro classificado da

SÉRIE B

UMA DELICIOSA CALXA DE
BOMBONS

e
UM EXEMPLAR DO LIVRO:—
CEU ABERTO

de D. Virginia de Castro e Almeida
lindamente ilustrado

Ao primeiro classificado da

SÉRIE C

UMA COLEÇÃO DE PERFUMES
da célebre marca Nally

e
UM EXEMPLAR DO LIVRO:—
EM PLENO AZUL

de D. Virginia de Castro e Almeida
lindamente ilustrado

(Continuação da pag. 3)

vêdes que é aqui vosso lugar? Quem defenderia a cidade das tropas inimigas, se nos juntassemos a sua real senhoria?»

— «Falo-vos de mim sómente — (replicou prontamente D. Nuno). — Que falta posso eu fazer aqui, e que papel é o meu, vagueando, ocioso, pelas câmaras do paço, enquanto as nossas hostes se batem pela defesa da Pátria? Permitti-me que parta, senhor meu irmão, antes que seja obrigado a praticar uma desobediência...»

Ao ouvir isto, D. Pedro Alvares, pôs-se de pé, vermelho de cólera.

— «Basta! Como vosso chefe e vosso irmão primogénito vos proíbo de me falar assim e de pensar em aventuras loucas.»

D. Nuno saiu do aposento num repêlão.

Nessa noite, o escudeiro do jovem fidalgo sentiu barulho na camara do amo. Entrou, ficando admirado dos preparativos do donzel.

— «Pois sempre partis, senhor?»

— «E sem demora, Fernão Pelate.»

— «Que aventura arriscada, senhor D. Nuno» — obtemperou o fiel servidor que sempre acompanhara aquela família e viu nascer o jovem cavaleiro. E, depois, em tom paternal,

— «Desobedecer ás ordens de vosso irmão! Demais, as portas da cidade, por ordem do senhor D. Pedro Alvares...»

Não teve tempo de acabar.

D. Nuno galgava as escadas, e, cavalgando a largo trote, chegou, rápido, ás portas de S. Vicente.

— «Quem vem lá?» — bradaram os guardas.

— «D. Nuno Alvares, que vai com-

bater na hoste de el-rei, nosso senhor!» — respondeu, energicamente, o mancoço.

— «Temos ordens severas para vos não deixar passar» — replicou o capitão.

— «Não faz mal, abrirei caminhos.»

E, brandindo a espada, distribuiu golpes para a esquerda e para a direita, conseguindo alcançar o outro lado por onde desapareceu em desordenada correria. Atraz dele cavalgava Fernão Pelate, que de forma alguma quizera abandonar o jovem amo. Para isso teve de sustentar, também, rija peleja com a guarda e de cavalgar, doidamente, pelas ruas de Lisboa, o que era demais para a sua idade...

Todos estes esforços foram, porém, baldados. D. Fernando estava longe de possuir o ardor patriótico de D. Nuno, e a batalha não teve lugar.

No dia seguinte, de manhã, el-rei chamou o escudeiro da rainha. Com elle e com D. Leonor Teles se riu bastante da façanha, elogiando a sua coragem e vontade de combater.

— «Dareis que falar, senhor D. Nuno!» — prognosticou a soberana, passando as mãos pela bonita cabeleira do seu intrépido vassallo.

Não se enganou. O moço aguerrido tornou-se o grande herói da nossa História: D. Nuno Alvares Pereira, condestável do reino, vencedor das memoráveis batalhas de Valverde, Atoleiros e Aljubarrota. A sua espada esteve, de facto, sempre ao serviço da Pátria, da justiça e do rei, como elle prometera ao recebê-la no dia da sua iniciação a cavaleiro.

Com ella traçou a Portugal o caminho da independência e da glória.

■■■■ FIM ■■■■



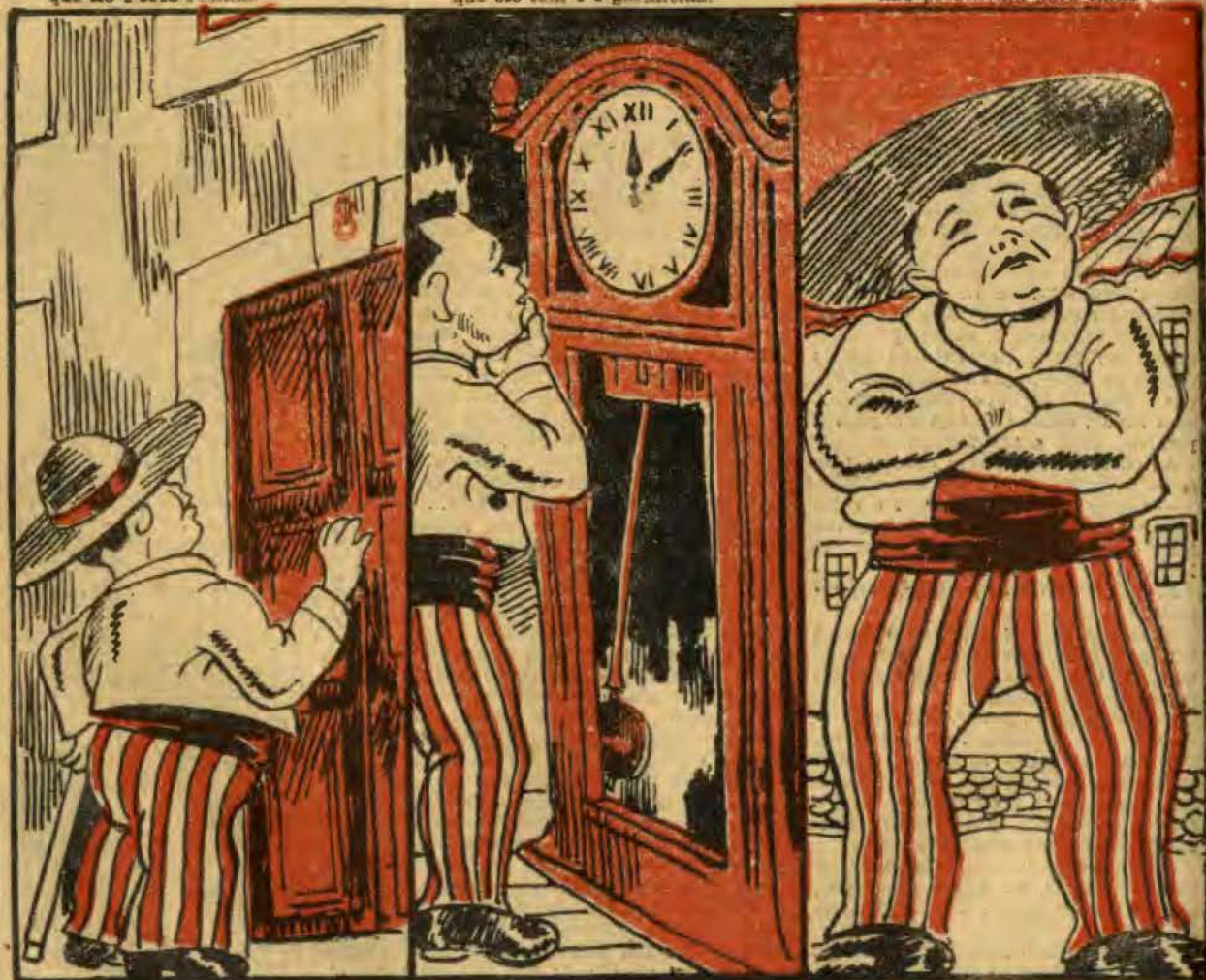
A BALANÇA



I — Um farmacêutico, um dia, o Zé da Pança encarrega de procurar um colega que no Porto residia.

II — Dada a incumbência, em seguida, recomenda ao Zé da Pança que se pese na balança que ele tem e é garantida.

III — Ouvindo tal, logo brada Zé da Pança: — «Bela ideia!» Pois as balanças da aldeia não prestavam para nada!



IV — Chegando ao Porto, o pateta vai direito à tal morada, bate à porta, sobe a escada e aguarda numa saleta.

V — Vendo um móvel, diz, surpreso, enquanto, lépido, avança: — «Ei-la, cá está, a balança!... Mas só doze quilos peso?!...»

VI — Então, muito furo, abala, sem perceber Zé da Pança que a tal pseudo-balança era um relógio de sala.